

Fagulhas do sagrado
Lauriane Tremembé

Sem o povo unido não tem luta, sem luta não tem terra livre.

Para sermos livres enquanto corpos, temos que libertar nossa mãe terra das amarras e adoecimentos.

Luta, a luta é a única porta possível para a liberdade.

A terra é a motivação e a essência da luta.

Toda a história, toda a memória, todo o caminho que outrora viveram os antepassados são projetados diariamente em nossas consciências e subconscientes.

Sentir, ouvir, ser a terra. A terra é a ciência do índio. Ele pode percorrer estradas, se perder e se encontrar, mas sua terra mãe é quem vai o acolher, abraçar, e lhe gerar o reencontro com seu ser sagrado.

As dores e as cicatrizes, os medos e perseguições, nunca nos silenciaram. A luta sempre esteve em nossas correntes sanguíneas, mesmo apertadas por correntes.

E é o nosso sangue quem nos faz ser o que somos.

O SANGUE

Não o cabelo, não a pele, não a cor dos olhos. Isso são cicatrizes.

O sangue, guardado pela terra e mantido pela ancestralidade.

O mesmo sangue que dança por nossas veias e artérias. E que dança. Dança que é terra, vento, água e pensamento. Força, essência, conexão, potência. Movimento constante da existência que é resistência. O atemporal.

Dançar conforme a música. A música do encantado que traz pra hoje o meu antepassado que guerreou e lutou, me ensinou a dançar, dançar com meu maracá, a mais fina ciência que gira e liberta, que une e conecta. Dança de índio, dança de povo, dança de luta, dança de espírito. Dança que é ritual ou brincadeira, de rir e gargalhar, porque o sagrado é o melhor de nós e nós somos fagulha do sagrado.